



Título

A observação como “primeira” psicologia: sobre uso da técnica para a formação e a atuação profissional

Autor

Maísa Araujo dos Santos
Ana Maria Ricci Molina

Ano de publicação

2025

Referência

SANTOS, Maísa Araujo; MOLINA, Ana Maria Ricci. A observação como “primeira” psicologia: sobre uso da técnica para a formação e a atuação profissional. **Transições**, Ribeirão Preto, v. 6, n. 2, 2025.

A OBSERVAÇÃO COMO “PRIMEIRA” PSICOLOGIA: SOBRE USO DA TÉCNICA PARA A FORMAÇÃO E A ATUAÇÃO PROFISSIONAL

OBSERVATION AS THE “FIRST” PSYCHOLOGY: ON THE USE OF THE TECHNIQUE FOR PROFESSIONAL TRAINING AND PRACTICE

Maísa Araujo dos Santos*

Ana Maria Ricci Molina**

Resumo: Este artigo é resultante de uma pesquisa exploratória, de caráter qualitativa e bibliográfica sobre a observação, enquanto técnica em Psicologia aplicável em contextos distintos. Inicialmente, pode-se explorar os arquivos de uma biblioteca acadêmica específica, bem como delimitar como fonte o banco de dados da scielo. Neste último caso, fez-se uso do termo de busca “observação em Psicologia”, que possibilitou a construção da amostra (n=12), segundo critérios de inclusão apenas para a observação discutida em processos de formação em Psicologia ou da prática de psicólogos. A análise temática permitiu a compreensão dos seguintes dados: definição da observação em Psicologia; modalidades da técnica aplicada conforme os contextos e objetivos requeridos. Ao final, pode-se propor a observação como primeira Psicologia, pela natureza do instrumento deslocado da pesquisa para o âmbito da profissão e sua importância no exercício da categoria de trabalho.

Palavras-chave: Observação; Psicologia; Profissão

Abstract: This article is the result of exploratory, qualitative, and bibliographic research on observation as a psychology technique applicable in different professional contexts. Initially, the archives of a specific academic library were explored, and the Scielo database was selected as the source. In the latter case, the search term "observation in psychology" was used, enabling the sample (n=12) to be constructed. The

* Graduanda em Psicologia pelo Centro Universitário Barão de Mauá.

** Doutorado em Educação pela UFSCar, com estágio de pós-doutorado na USP. Docente do Centro Universitário Barão de Mauá. Líder do Projeto de Extensão Grupo de Estudos sobre Diversidade Humana (DIVAH), do CBM, e colaboradora do Grupo de Antropologia em Contextos Islâmicos e Árabes (GRACIAS) da USP. Contato: ana.ricci@baraodemaua.br

inclusion criteria were limited to observation discussed in psychology training processes or in the practice of psychologists. Thematic analysis enabled understanding of the following data: the definition of observation in psychology; and the modalities of the technique applied according to the required contexts and objectives. Ultimately, observation can be proposed as the primary psychology, given the nature of the instrument shifted from research to the professional sphere and its importance in the practice of the profession.

Keywords: Observation; Psychology; Profession

INTRODUÇÃO

Apresenta-se que esta pesquisa de iniciação científica, ao ser realizada em perspectiva qualitativa, de vertente exploratória e do tipo documental-bibliográfica, está em conformidade com pressupostos abordados por Lozada e Nunes (2019). Enquanto investigação, visa identificar os conhecimentos produzidos por meio de artigos e literatura especializada sobre a observação em Psicologia, enquanto técnica aplicada em contextos distintos, tanto de formação quanto de atuação.

Justifica-se a importância desse estudo ao ser considerada a observação em Psicologia articulada com a construção da identidade profissional de psicólogos(as), tanto na formação quanto na atuação profissional de psicólogos(as), a observação se torna vivenciada como “procedimento sistemático” (CPF; 2010, p. 21) vinculado a qualquer avaliação e intervenção psicológica, com a finalidade de “descrever e/ou mensurar características e processos psicológicos” (CPF; 2010, p. 6).

Assim, a observação é uma ferramenta ou instrumento para coleta de informações, que possui forte relação com o objeto, objetivo e condições para o procedimento ocorrer e sinalizar as evidências em busca. O que, por correspondência, também exige o domínio teórico abrangente de conceitos-chave pelos(as) observadores sobre o fenômeno observado. Por fim, a técnica da observação então é

aplicável durante uso de testes e de entrevistas, bem como outros formatos de investigação e análise sobre queixas apresentadas ou demandas formuladas, seja em contexto clínico e/ou institucional (CPF; 2010).

Sustenta-se, com este artigo, a importância da observação como “primeira” Psicologia, por abarcar a captura de informações que emergem de interações entre pessoas e pessoas e coisas, da produção de discursos coletivos e de práticas institucionalizadas e etc. Parte-se do pressuposto de que essa captura está moldada pelos recortes discursivos sobre pessoas, territórios e espaços sociais específicos na condicionalidade de uma “política do observar” constituída por cada campo de atuação de psicólogos(as) e moldada a partir da graduação em Psicologia.

Logo, a presente investigação surge a partir do acesso das autoras à leitura bibliográfica indicada no “Plano de Aprendizagem do Aluno”, da disciplina de Técnicas de Observação e Entrevista, do curso de Psicologia de determinada Instituição de Ensino Superior, em que consta por bibliografia básica: CFP (2010), Ferreira; Mousquer (2004), Danna (1999). E, complementar a esta última: França (2019), Marconi (2021). Ambas são referentes à observação em Psicologia e permitem a leitura e compreensão de cada categoria temática disponibilizada por esses(as) autores(as), que veio a nortear ou direcionar o plano de observação das pesquisadoras sobre os documentos textuais a partir de temáticas prévias: definição; modalidades; contextos de aplicação.

Assim, define-se por observação, no senso comum, como uma ação de ver, reparar, notar, assistir, olhar, contemplar e outros termos que designam o canal sensorial da visão da pessoa que observa. No entanto, pelo senso científico, a observação requer o uso de todo o sistema sensório-perceptivo da pessoa que observa algum fenômeno de natureza psicológica, e, ao fazê-lo, é capaz de coletar dados variáveis e

invariáveis que agenciam e determinam sua ocorrência e os efeitos disso ou os chamados fatores condicionantes ou interacionais de um acontecimento.

Observar em Psicologia, portanto, implica na pessoa que observa, segundo o exercício de um conjunto de habilidades relativas à capacidade da pessoa de ver, ouvir, sentir, pensar, escrever, repensar conceitual e criticamente: qualquer comportamento exibido pelo(s) sujeito(s) observado(s); os contatos físicos das pessoas com objetos e outras pessoas; as vocalizações e verbalizações realizadas entre sujeitos sob à luz do contexto ao qual emergem; as movimentações e posições do corpo no espaço; as expressões faciais, gestos, direções do olhar, posturas e tantas outras possibilidades que evocam à existência e o existir a partir de um ambiente ou espaço dado, com suas características físicas e sociais sendo dados observáveis também. A pessoa que observa deve estar atenta às mudanças que ocorrem nos sujeitos em vista aos mesmos e aos marcadores sociais na produção das diferenças e desigualdades na visibilidade dos corpos e relações.

Sendo assim, notou-se que, em consonância à Campos (2008) e Romanelli e Biasoli-Alves (1998), a observação é reconhecida na pesquisa e na profissão em Psicologia tanto como uma metodologia observacional absoluta no plano de uma investigação ou em bricolagem a outras metodologias. Enquanto uma técnica, a observação pode ser aplicável isoladamente ou em articulação à outras técnicas usuais das pesquisas qualitativas ou práticas psicológicas.

Para Danna (1999), que compartilha do mesmo enunciado, acrescentam-se as informações a respeito da linguagem técnica, as formas de registros como práticas a serem desenvolvidas e replicadas e a importância da sistematização do material observado durante o tratamento de dados. Nesse sentido, há cuidado cientificamente prescrito sobre o uso da memória e da interpretação da realidade pela

pessoa observadora como desvantagens no devir, se não houver uso consciente da técnica e de autocrítica no curso da investigação (pesquisa), avaliação e monitoramento de eventos e casos (profissão).

Devido à herança epistemológica positivista, experimental e comportamental dessa última autora, a sistematização das informações é realizada por meio da modalidade estruturada ou sistemática da observação, o que inclui a definição prévia de categorias de comportamentos detalhados para serem investigados e organizados em formato de tabelas ou tópicos, em que o registro se daria por *check list* entre variáveis e eventos ou de forma cursiva por itens ou categorias, respectivamente.

O contraditório está em Scorsolini-Comin, Nedel e Santos (2011) e em Romanelli e Biasoli-Alves (1998) ao apresentam outra modalidade estrutural para a observação: a assistemática. Este formato relaciona-se diretamente com a construção de outra possibilidade de registro das informações obtidas durante observação, o tipo cursivo-descritivo, característico dos estudos com abordagem qualitativa.

Embora ambos os formatos de observar e registrar sejam estruturalmente distintos, ainda assim, são qualificados pelo processo de transformação de dados brutos em informações organizadas e acionáveis para a análise subsequente, a qual deve garantir a identificação de um processo ou de padrões, entre diferenças e repetições sobre o observado. E, portanto, garantem a sistematização daquilo que se captura e organiza para atribuição de significados e sentidos. Outras características atreladas à observação, enquanto técnica de pesquisa e de profissão são: quanto à natureza da sua aplicação, se artificial ou naturalística; quanto à proximidade do(a) observador(a) no evento, se direta ou indireta; quanto à posição do(a) observador(a) em relação ao sujeito observado, se participante ou não participante.

Por um lado, cabe a pessoa que investiga reconhecer a definição de observação segundo senso científico, bem como as modalidades ou características que configuram a técnica do observar, para tomada de decisões prévias ou diante de imprevisibilidades no curso da aplicabilidade deste instrumento, que, ocorre engendrada ao contexto e objetivo proposto. Por outro lado, a aplicação da observação por ela, enquanto método ou técnica, deve estar balizada pela construção do objetivo / queixa e roteiro (plano) de observação coordenado por: onde (local e situação da observação); quando (em que momentos ela será realizada); quem (os sujeitos a serem observados); o que (comportamentos e circunstâncias devem ser observados, e); como (qual a técnica de observação e registro a ser utilizada).

Aqui, ressalta-se a importância da introspecção das pessoas que observam ou a reflexão que suscita a articulação entre teoria e prática mediada pela observação, como dispositivo de formação profissional em termos de desenvolvimento de competência técnica e ética; em geral, devem as pessoas observadas saberem e consentirem a aplicação da técnica.

Assim, a partir do quadro conceitual inicial, busca-se pela sua ampliação e a produção de conhecimentos relativos à temática da observação, enquanto ferramenta de pesquisa deslocada para a prática profissional, por evidenciar certa escassez de material comparada à técnica da entrevista.

Pretende-se estabelecer um panorama sobre a técnica da observação na Psicologia, a fim de restabelecimento da sua importância como “primeira Psicologia”, que abarca a escuta e o lugar de fala de psicólogos(as) ao evocarem pelas dimensões conceituais, técnicas e éticas. Na ordem do sensível e da crítica, a observação incide na forma de observar, descrever e analisar pessoas e relações em contextos

distintos, como herança epistemológica ou da ciência psicológica imanente à construção da identidade da profissão.

MÉTODO

O objetivo geral desta pesquisa é reconhecer a observação em Psicologia, enquanto técnica aplicada no contexto de formação ou atuação profissional de psicólogos (as), a partir de referenciais bibliográficos que a qualificam.

Definiram-se por objetivos específicos: (i) identificação de artigos selecionados em banco de dados específico, que trata da observação em Psicologia no contexto da atuação profissional de psicólogos(as) ou da formação destes(as) profissionais; (ii) verificação das temáticas relativas ao uso da observação registradas na amostra de artigos selecionados: definição; modalidades da técnica, e; contexto de aplicação.

A investigação foi desenvolvida a partir da pesquisa exploratória, de caráter documental e de cunho qualitativo, de acordo com Marconi e Lakato (2019) e Lozada e Nunes (2019), para que ocorra o levantamento de temáticas abordadas sobre a técnica da observação enquanto instrumento de trabalho no contexto da formação e profissão de Psicologia.

As produções acadêmicas apresentadas na introdução foram selecionadas e indicadas a partir da pesquisa exploratória em no banco de dados da biblioteca acadêmica vinculada à instituição de ensino superior das pesquisadoras-autoras, da qual foram identificadas três (3) categorias temáticas relativas à técnica da observação (n=11), que, alguns deles, serviram ao delineamento textual na introdução deste artigo.

Quadro 01**Amostra selecionada proveniente da fonte biblioteca acadêmica**

Categorias por assunto	Autores
Metodologia e técnica de pesquisa em ciências humanas (n=07)	Androsino e Flick (2021), Gil (2019), Lozada e Nunes (2019); Marconi e Lakato (2019), Cervo; Bervian; Silva (2007), Parro Filho; Santos (2000) e Santos (1994).
Metodologia e técnica de pesquisa em ciências humanas (n=07)	Metodologia e técnica de pesquisa em Psicologia (n=02). Sendo eles: Campos (2008) e Romanelli e Biasoli-Alves (1998).
Técnica voltada à formação de psicológicos/as (n=02)	Danna (1999) e Scorsolini-Comin, Nedel e Santos (2011).

Fonte: elaborada pelas autoras (2025)

Contudo, para construção da amostra com base nos objetivos determinados, buscou-se pelo levantamento bibliográfico na fonte banco de dados *Scientific Electronic Library Online - Scielo Brasil*. O metadado utilizado nesta coleta de materiais foi o termo “observação em Psicologia”, sem a restrição de período de publicação, e, que a temática abordada pelo artigo tenha a aplicação, análise ou problematização da observação no contexto da formação ou exercício da profissão de psicólogos(as).

Inicialmente, surgiram 275 publicações, que, após verificação, apenas 12 foram selecionados em conformidade com critérios de inclusão e de exclusão, conforme demonstrado em quadro 02.

Quadro 02**Formação da amostra para tratamento de dados**

N	Anos	Autores	Títulos
1	2023	Ladino, G. L. M. et al	Intervenções Psicológicas Necessárias: A Prática Como Residente no Serviço de Medicina Fetal
2	2022	Schneider, K. L.; Levandowski, D. C.	Perfil de Psicoterapeutas Pais-Bebê de Porto Alegre: Formação e Atuação Profissional
3	2019	Fam, B. M. e Ferreira Neto, J. L.	Análise das Práticas de uma Clínica-Escola de Psicologia: Potências e Desafios Contemporâneos
4	2018	Tissot; Vergara; Ely	Definição de Atributos e Utilização da Observação como Técnica de Avaliação
5	2017	Cantele, J. e Arpini, D. M.	Ressignificando a Prática Psicológica: o Olhar da Equipe Multiprofissional dos Centros de Atenção Psicossocial

6	2011	Raymundo, L. dos S. et al.	Mapeamento comportamental: observação de crianças no parque da pré-escola
7	2011	Golin, G. et al.	Um estudo sobre o acolhimento precoce inspirado no método Bick
8	2011	Scorsolini-Comin, F. et al.	De perto, de longe, de fora e de dentro: a formação do observador a partir de uma experiência com o método Bick
9	2008	Fernandes; Elali	Reflexões sobre o Comportamento Infantil em um Pátio Escolar: O que Aprendemos Observando as Atividades das Crianças
10	2003	Vieira Filho, N. G. & Teixeira, V. M. da S	Observação clínica: estudo da implicação psicoafetiva
11	2003	Santos, J. G. W. et al.	Seleção de pessoal: considerações preliminares sobre a perspectiva behaviorista radical
12	1999	Alves, P. B. et al.	A construção de uma metodologia observacional para o estudo de crianças em situação de rua: criando um manual de codificação de atividades cotidianas

Fonte: elaborado pelas autoras (2025)

Com a amostra definida passou-se a realizar a leitura e fichamento dos artigos selecionados: a) codificação temática por significado semântico alinhado às categorias previamente determinadas; b) notas reflexivas; c) sistematização dos dados por agrupamento, para a discussão conforme a relação entre as partes.

De acordo com Rosa e Mackedanz (2021), a codificação temática é amplamente utilizada em pesquisas na psicologia e na área da saúde e pouco reconhecido nos estudos de educação e ensino. Sua proposta, a partir de Braun e Clarke (2006) se deve ao fato dela não possuir vinculação prévia com qualquer abordagem teórica ou carregar consigo a interpretação típica de outras análises de conteúdo ou discursos já no procedimento de codificação. A concebem, inclusive, como um primeiro momento na formação de pesquisadores.

Sendo considerada uma ferramenta neutra de investigação, auxilia na identificação de informações e tratamento desses dados contidos em um documento textual. O que permite investigar quais temáticas cada texto fornece e como seus conteúdos se repetem entre

eles, de forma a instituir um padrão de ideias ou conceitos por semelhanças ou diferenciações.

DESENVOLVIMENTO

Entende-se que esse estudo permite o reconhecimento da observação em Psicologia, nos aspectos que a qualificam para uso em contextos distintos sobre como atuar no âmbito do desenvolvimento e aprimoramento profissional, com vista a atender ao senso científico que a fundamenta tecnicamente. Segue, portanto, a descrição compreensível de cada artigo.

Inicialmente, faz-se a descrição compreensível de cada categoria temática encontrada na amostra, por artigo em ordem de publicação.

Em “Intervenções Psicológicas Necessárias: A Prática Como Residente no Serviço de Medicina Fetal”, de Ladino, G. L. M. et al. (2023), a técnica da observação é definida como parte de um conjunto de práticas referentes às práticas psicológicas exercidas no contexto de serviço de medicina fetal de um hospital.

No relato, a observação foi empregada durante atendimentos de gestantes e familiares, no formato de trabalho de campo e na posição participante. O emprego desta técnica teve por objetivo permitir a identificação pela psicóloga de quais eram as reações das pacientes e da dinâmica familiar como resposta socioemocional ao vivido, para melhorar suas intervenções.

Embora o artigo não traga informações sobre todas as modalidades da observação, é possível deduzir que elas ocorrem de forma direta, em posição participante e assistemática. Sabe-se que “foi adotado como instrumento de coleta de dados um diário de campo, chamado, nesse estudo, diário de ressonâncias, no qual foram registradas as percepções e reflexões da psicóloga residente sobre sua

prática profissional" (Ladino et al., 2023, p. 4). Este recurso foi suporte para discussões em supervisão e planejamento de intervenções.

Esse texto permite a reflexão do quanto a observação deve ser reconhecida como prática psicológica primordial, pois é a partir dela que se torna possível compreender integralmente a situação, registrar com precisão e planejar intervenções humanizadas e eficazes. Além disso, a combinação da observação participante com o diário de campo se mostra uma ferramenta adequada ao caso, pois une o olhar clínico à reflexão teórica, conectando ciência e prática profissional. Nesse sentido, em um contexto de saúde, o artigo permite a compreensão da observação em Psicologia como uma habilidade profissional que se destaca no processo de humanização dos atendimentos especializados em saúde.

Em "Perfil de Psicoterapeutas Pais-Bebê de Porto Alegre: Formação e Atuação Profissional", de Schneider, K. L.; Levandowski, D. C. (2022), o Método Bick de observação de bebês e pais em interação é apresentado como recurso que viabiliza a formação e a prática clínica de psicólogos(as), pois, nas palavras dos autores "o treinamento em Observação da Relação Mãe-Bebê pelo método de Esther Bick [...] é uma ferramenta importante para o desenvolvimento de características técnicas necessárias à atuação [...], tais como sensibilidade para comunicações, receptividade e capacidade de continência" (Schneider & Levandowski, 2022, p. 11).

No caso, o contexto de aplicação é o espaço clínico e psicoterapêutico entre pais-bebê, tendo na observação em Psicologia um instrumento para o diagnóstico e a intervenção voltados ao desenvolvimento humano, por meio da categoria de formação vincular. De acordo com o método empregado, a observação se caracteriza como uma prática que articula a sistematização dos dados observados com a reflexão, com indagações e relações conceituais conforme a

captura de dados sobre comunicação e os padrões relacionais que se estabelecem entre as partes da interação.

Sendo assim, interpreta-se que pode ser feita de forma direta e artificial, se em consultório clínico. Mas, avalia-se que se estendida a outros serviços, na área da saúde, da assistência social ou da educação, por exemplo, poderá se configurar como uma observação de campo e direta. Também se avalia que se a técnica estiver apoiada exclusivamente na escuta de narrativas dos pais sobre a relação deles com o bebê e o bebê com eles, a observação se faz por indireta. Quanto à posição dos observadores, relatam que pode se tornar participante, pois “a gente senta no chão, a gente brinca, a gente se envolve com o corpo também de um jeito diferente [...] Mantém neutralidade, mas de um outro jeito, com o corpo mais presente” (Schneider & Levandowski, 2022, p. 8).

Em “Análise das Práticas de uma Clínica-Escola de Psicologia: Potências e Desafios Contemporâneos”, de Fam, B. M. e Ferreira Neto, J. L. (2019), o objetivo de identificar, na experiência formativa de estágios(as) de uma clínica-escola de Psicologia, quais as demandas estariam relacionadas com a construção da identidade profissional, em termos de potencialidades e desafios.

Nesse estudo, a observação faz parte da metodologia da pesquisa e não é, portanto, objeto da análise. Enquanto modalidade, foi empregada ora na posição não participante ou ora participante, conforme o objetivo específico a que se destina.

Contudo, adentrou nessa amostra, porque deixa pistas para valorização da observação como ferramenta capaz de mediar o vivido e a reflexão, o que pode ser identificado no apontamento dos autores sobre o fato de que “estagiários se preocupam mais com o “como fazer” do que com o porquê fazer, acreditando que exista um único modo verdadeiro e correto de se atuar na clínica [...] supervalorização da teoria

adotada, em detrimento de outros aspectos" (Fam; Ferreira Neto, 2019, p. 9). Chegariam a essa formulação se não fossem as capturas do sensível, durante as observações, daquilo que se repete e se diferencia, entre falas, gestos, ritualísticas?

Em "Definição de Atributos e Utilização da Observação como Técnica de Avaliação", de Tissot; Vergara; Ely (2018), a observação é definida como um instrumento, pelo qual observadores são capazes de capturar atributos ou elementos que configuram a relação entre "comportamento dos usuários e suas atividades e fornecer dados sobre o comportamento real em um ambiente natural" (Tissot; Vergara; Ely, 2018, p. 546). Essa definição evidencia a observação como um método que auxilia pesquisadores e profissionais a identificarem atributos de um ambiente que incidem sobre a produção de bem-estar ou a qualificar, por exemplo, a ambiência hospitalar, como neste caso.

Sendo assim, as características da observação: estrutura sistemática, com a construção prévia de atributos a serem investigados, por meio da elaboração de protocolos de registro em conjunto com outros instrumentos - "O registro é feito mediante anotação, em ficha específica" (Tissot; Vergara; Ely, 2018, p. 546); em contexto naturalístico e não participante, como modalidades predominantes.

Entende-se que a observação deve ser entendida não apenas como ferramenta de busca, com evidências acessíveis e comparáveis, mas, também, como prática profissional capaz de captar detalhes subjetivos que ultrapassam a mera categorização. Desse modo, a observação assume papel central tanto na produção de dados confiáveis quanto na compreensão mais profunda da configuração agenciada entre cenário, sujeitos e interações.

Em "Ressignificando a Prática Psicológica: o Olhar da Equipe Multiprofissional dos Centros de Atenção Psicossocial", de Cantele, J. e Arpini, D. M. (2017), pode-se compreender que a representação da

identidade profissional de psicólogos(as) por outros profissionais, no contexto de trabalho institucional e em equipe multidisciplinares de saúde mental está pautada na observação especializada de psicólogos(as).

Nessa representação, a observação torna-se um aspecto fundamental e inerente ao exercício do papel de psicólogos(as), pois, ela permite que, na lógica do cuidado em saúde mental, que estes profissionais capturem comportamentos dos usuários, das interações familiares e das dinâmicas de grupo e institucionais.

Essas informações coletadas e tratadas conceitualmente contribuem fortemente para a construção coletiva dos planos de cuidado. Portanto, a observação é reconhecida por outros profissionais, como uma capacidade fundante da prática psicológica, que, colabora diretamente com o trabalho da equipe.

Em “Mapeamento comportamental: observação de crianças no parque da pré-escola”, de Raymundo, L. dos S. et al. (2011), define-se a observação como um método para registrar e analisar os padrões de comportamento de crianças em um ambiente específico.

As modalidades de uso envolvem a criação de categorias de comportamento e o mapeamento de sua frequência e localização no espaço observado. Portanto, por ser altamente quantitativa, se apresenta como sistemática e faz emprego de outras modalidades, como a direta, não participante e a de campo.

O contexto da aplicação da técnica é o da psicologia educacional e escolar, bem como a pesquisa sobre desenvolvimento infantil, dos quais notam-se a importância dada ao rigor metodológico quando no emprego da observação ao tratar de como um ambiente físico influencia as brincadeiras e as interações sociais das crianças.

Em “Um estudo sobre o acolhimento precoce inspirado no método Bick”, de Golin, G. et al. (2011), a observação é definida como modo de

captura das interações espontâneas entre bebê e cuidadores fortemente relacionada com o nível de acolhimento e posição não intrusiva apresentados pelo(a) observador(a).

Por isso, considera o contexto de aplicação de um clínica-escola de Psicologia, em um serviço direcionado para a prevenção de riscos ao desenvolvimento infantil, um lugar privilegiado para que observadores sejam formados por meio deste método. Que, além de mediar a aprendizagem da observação segundo a ordem do sensível, sem perder a objetividade, também propicia aprender a avaliar e intervir na relação em curso.

Em “De perto, de longe, de fora e de dentro: a formação do observador a partir de uma experiência com o método Bick”, de Scorsolini-Comin, F. et al. (2011), encontra-se uma reflexão sobre a formação de psicólogos(as) a partir da observação, entendida como um processo dinâmico de aprender a ver, ouvir e estar no presente junto aos sujeitos beneficiários do serviço psicológico prestado.

O contexto é a de formação acadêmica e pessoal de estudantes de Psicologia e a prática da observação é uma ferramenta para desenvolvimento da sensibilidade clínica, da autoconsciência do processo e da capacidade de observadores lidarem com os próprios emergentes emocionais durante atendimento.

O artigo inspira à reflexão sobre o próprio ato de observar, quando desloca aquilo que é observado externamente para o que é possível ser observado internamente pelos(as) observadores em si mesmos. Defende, portanto, a observação como uma experiência que molda o próprio sujeito que aplica o instrumento da observação, pois aprender uma técnica implica em uma jornada pessoal de desenvolvimento de empatia, continência e profundo respeito pelo sujeito observado – uma dimensão ética que se estabelece diante da técnica.

Em “Reflexões sobre o Comportamento Infantil em um Pátio Escolar: O que Aprendemos Observando as Atividades das Crianças”, de Fernandes; Elali (2008) teve como objetivo analisar o comportamento infantil em ambientes escolares. Faz uma discussão sobre a importância da observação do cotidiano escolar e o pátio sendo um lugar capaz de fornecer dados para a compreensão do desenvolvimento infantil, das interações sociais entre pares e não pares a partir do contexto de educação e da escola.

As características desta observação incluem as modalidades não participante e assistemática, com registro em Diário de Campo dos comportamentos que ocorreram durante as interações e brincadeiras no pátio da escola, sem a intervenção delas. Como afirmam as autoras, “escolhe um indivíduo no local em estudo e as atividades ali efetuadas. Para tanto, são utilizadas a planta baixa do lugar e uma ficha para anotar as ações e tempos de sua duração.” (Fernandes; Elali, 2008, p. 45).

Dessa forma, a observação permite compreender a complexidade das interações infantis, em que aspecto da socialização e ludicidade ganham destaques, por meio das brincadeiras. Esse estudo reforça que observar o cotidiano infantil vai além de coletar dados comportamentais. É um exercício de compreender as culturas infantis a partir dos territórios que elas ocupam. Assim, a observação, como prática psicológica, se torna uma ferramenta essencial para intervenções educativas e para a promoção do bem-estar infantil.

Em “Observação clínica: estudo da implicação psicoafetiva”, de Vieira Filho, N. G. & Teixeira, V. M. da S. (2003), explora o envolvimento psicoafetivo de observadores durante trabalho clínico. Então, definem a observação como um processo intersubjetivo, em que a própria subjetividade e respostas emocionais dos(as) observadores incidem na relação com o outro e deste outro com eles(as).

A importância deste artigo, embora considerado antigo, reside na necessidade de observadores serem treinados para reconhecerem e analisarem sua implicação no atendimento realizado. Isto continua atual ao se pensar na formação de psicólogos e no aprimoramento profissional destes profissionais.

O contexto, portanto, é a formação de profissionais de saúde, particularmente em Psicologia, em que a observação introspectiva ou o conhecimento de si mesmo diante do cuidado do outro é considerado essencial para construção de uma prática clínica humanizada, com neutralidade e objetividade.

Em “Seleção de pessoal: considerações preliminares sobre a perspectiva behaviorista radical”, de Santos, J. G. W. et al. (2003), os autores discutem a seleção de pessoas nas organizações a partir de uma perspectiva behaviorista radical. Então o observado é descrito por meio de uma análise funcional do comportamento apresentado pelo candidato em situações que simulam o ambiente de trabalho, identificando eventos antecessores e sucessores.

O contexto é a psicologia organizacional e de recursos humanos, onde a observação é usada para prever o desempenho futuro no trabalho com base no comportamento presente. Este artigo, portanto, demonstra a utilidade da prática da observação comportamental ao destacar o seu valor nas características de direta e estruturada sobre as habilidades e competências requeridas, para além do autorrelato (entrevistas, currículos) em processos de recrutamento e seleção.

Em “A construção de uma metodologia observacional para o estudo de crianças em situação de rua: criando um manual de codificação de atividades cotidianas”, de Alves, P. B. et al. (1999), o contexto de aplicação da observação é a área da assistência e da psicologia social voltados para coletivo vulnerabilizado (crianças em situação de rua).

A observação tem por objetivo descrever objetivamente suas vidas e atividades diárias, por meio da observação, definida como ferramenta confiável para um cenário complexo e desafiador. Para tanto, ela é definida como um processo sistemático, cujos dados capturados sobre a realidade observada servem à criação de um manual ou protocolo de observação a ser utilizado posteriormente por diferentes profissionais e, assim, garantir a confiabilidade e a consistência entre os observadores.

A modalidade de uso inicial da observação, portanto, foi de caráter estruturado ou sistemático, em que os comportamentos foram identificados e categorizados, depois codificados para composição de um manual ou protocolo de observação futuro.

Assim, se destaca o esforço e rigor necessários de psicólogos(as) para traduzir observações qualitativas em dados sistemáticos e analisáveis ou mensuráveis, demonstrando a importância da transparência e precisão metodológica na pesquisa com grupos específicos, que, com base no rastreamento realizada, obteve-se o seguinte rol temático associado a cada categoria de análise apresentado em quadro 03.

Quadro 03

Box temático associado às categorias prévias de coleta e análise

Definição de observação	Modalidades da Técnica	Contexto de aplicação
observação método técnica instrumento ferramenta procedimento processo uso dos sentidos ver escutar sentir coletar dados acessar informações pesquisar avaliar examinar verificar identificar sistematizar intersubjetividade habilidades profissionais	características especificidades observação direta indireta posição participante posição não participante estrutura sistemática registro protocolo de observação planilha estrutura assistemática cursivo descrição diário de campo linguagem técnica e científica Método Bick	instituição clínica rua escola hospital organização e trabalho clínica-escola psicoterapia acolhimento assistência social educação saúde mental recrutamento e seleção interação social vínculo pais-bebês desenvolvimento humano mapeamento de comportamentos

formação de estudantes de psicologia		ambiência relações cotidiano
--------------------------------------	--	------------------------------

Fonte: produzido pelas autoras (2025)

Diante do quadro 03, é reconhecido, portanto, que a ação de observação exige a instrumentalização da pessoa que observa. Pessoa e ação se engendram, tornam-se a mesma parte de um procedimento no bojo de um processo. Ao serem imbricados, vão ser designados como ferramenta, instrumento, recurso capaz de localizar, identificar, capturar, coletar informações que estão disponíveis em fontes abrangentes.

No âmbito da formação em Psicologia, há de se desenvolver este engendramento paulatinamente. Desde as disciplinas iniciais, docentes mediam ou facilitam a construção da observação nos e pelos estudantes com experiências de aprendizagens específicas. Até que chegam à 'matéria' propriamente dita sobre as técnicas de observação.

Neste percurso, a formação conceitual se impõe em escalada ritmada e ascendente, para que a ação de observar seja moldada; disciplinada segundo parâmetros técnicos. É quando as temáticas investigadas se destacam: conhecer a definição; identificar as características e modalidades, que resultarão em um plano/roteiro de observação contextuais, e; finalmente, empregar a técnica prevista.

Em termos de definição, todos os artigos tratados trouxeram a observação como uma ferramenta ou instrumento voltada para a captura de dados mediante um processo de investigação em curso. Assim, observar implica em uma prática substantiva, primordial, primária para compor qualquer diagnóstico e intervenção psicológica.

Desta definição emerge a importância de entender qual o objeto e objetivo a serem examinados por meio da coleta de dados como evidências. Em todos os artigos, a aplicação da técnica estava submetida a esta prerrogativa, bem como alinhada as condições que

configuram o campo da investigação para determinação de quais podem ser as características ou modalidades para emprego da técnica. Pois, se o primeiro passo foi o da instrumentalização, por meio da justaposição entre a pessoa e a ação de observar, então o segundo passo é dar forma e função à técnica em providência.

Entre artigos, a classificação da técnica quanto aos aspectos que a configuram identificadas por:

a) Direta ou Indireta. Direta, quando a pessoa que observa está presente no instante em que ocorre o fenômeno psicológico objeto da investigação. Indireta, quando a pessoa que observa não está presente, contudo, utiliza-se de outros canais para capturar as informações: vídeo; fotografias; entrevistas; questionários.

b) Participante ou Não participante. Participante, a pessoa que observa também interage com sujeitos observados e se torna parte da coleta e descrição dos dados. Não participante, a pessoa que observa pode estar direta ou indiretamente presente, porém, não interage, não ocupa lugar e voz entre sujeitos observados.

c) Naturalística ou Artificial. Naturalística, também designada 'observação de campo' e significa que a pessoa na posição de observadora busca pela fonte das informações no contexto direto da sua ocorrência, no próprio local ou cenário objeto da investigação. Trata-se da realidade vivenciada pelas pessoas observadas. Artificial, por sua vez, compreende o ambiente de laboratório de pesquisa propriamente dito, embora situações controladas, como a aplicação de testes, simulações e recursos audiovisuais e imagéticos, possam ser entendidas como um cenário artificial para coleta de dados também.

d) Assistemático ou Sistemático. Assistemático, é um modo de coletar dados sem estrutura ou organização prévia dada em variáveis detalhadas. A captura de informações ocorre de forma espontânea e livre diante da instrumentalização pretendida na *performance* imediata

de psicólogos(as). Com ou sem um plano/roteiro de observação estabelecidos, a observação se mantém sob o senso científico e não comum ou popular, com forte significado descritivo, de viés qualitativo. Sistemático, exige a indicação de quais variáveis comportamentais serão observadas e quantificadas, normalmente com recursos adicionais como planilhas ou protocolos, temporizadores e etc.

Deve-se considerar um aspecto importante referente à operacionalização da técnica: a ética profissional. A conduta da pessoa que observa durante aplicação desta técnica, em geral, deve ser sempre a de esclarecer o motivo do seu uso e obter o consentimento ou não das pessoas a serem observadas. Torna-se exceção a este consentimento livre e esclarecido, quando a observação é assistemática no âmbito do trabalho e derivada da *performance* imanente à competência construída. Fora do papel de psicólogos(as), a aplicação e manipulação das informações provenientes do uso da técnica da observação é objeto de questionamentos.

Outro aspecto diz respeito aos efeitos desta instrumentalização. A começar com estudantes de Psicologia, que durante o treino da observação se dão conta de como podem ser afetados pelo cenário e participantes da própria ação. Tomam consciência de que o uso sensorio-perceptivo está impregnado de memórias e valores que incidem na interpretação dos dados observados, durante a coleta ou no próprio exame deles.

Por isso, no duplo de como se tornar psicólogo(a) por meio da observação, o método Bick é destacado pela amostra analisada, para que a pessoa que observa consiga diferenciar o conteúdo que pertence a si mesmo daquele que diz respeito ao objeto da investigação, a fim de evitar subjetivismos e vieses de colonialidade sobre os outros.

Também, se estabelece uma compreensão sobre a ação de observar e a relação dela sobre as práticas de psicólogos(as), com

objetivos específicos e em contextos distintos, bem como em serviços múltiplos aos quais se destinam. Estes contextos foram variados: da clínica e clínica-escola; da escola; do hospital; da organização e trabalho; de instituições de saúde mental e de assistência social. Os serviços foram: de avaliação e intervenção psicológica; de orientação e aconselhamento psicológico; de recrutamento e seleção de pessoas; de avaliação de riscos sociais e promoção desenvolvimento humano, e; de trabalho em equipe interdisciplinar.

Portanto, nota-se um alinhamento entre aspectos da prática da observação em Psicologia descrita e as referências teóricas utilizadas na introdução.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sob a perspectiva crítica das pesquisadoras-autoras, a observação, ora utilizada como método de pesquisa ora como objeto do estudo proposto, possui relevância primeira para a Psicologia, enquanto imanente às diversas práticas psicológicas instituídas e vindouras.

Ela se impõe como fundamental, pois possibilita uma forma técnica de apreender a realidade objetiva e subjetiva observada, fonte primordial de informações para descrever e compreender processos, bem como interpretar a complexidade de fatores condicionantes à subjetivação humana e sua expressividade. Sem esquecer de sua presença durante as intervenções de profissionais, utilizada como ferramenta contínua e insubstituível, tanto que ascende como característica substancial da identidade da profissão de psicólogos(as) por outros profissionais.

Há de se ressaltar algumas notas sobre seu caráter técnico-científico quando deslocada da pesquisa para o âmbito da profissão,

lugar onde a atuação não exclui o(a) psicólogo(a) do seu papel de pesquisador(a), ao contrário, se justapõem-se. São as notas:

A observação, enquanto técnica, possui relevância em diferentes processos e procedimentos que implicam na análise e intervenção psicológica.

Em termos científicos, seu exercício exige domínio das especificidades que a compõe.

Logo, a relação entre observação do tipo direta e de campo ou artificial leva em conta a dimensão do território, do ambiente, do cenário em que emergem narrativas e interações.

Seja a observação estruturada (sistemática), de origem experimental e positivista, ou, seja não estruturada (assistemática), de abordagem qualitativa, das ciências sociais e humanas, ambas requerem o registro descritivo do observado, sendo dispositivo de sistematização das informações obtidas: processo; interação; relação; eu-outro(s); nós.

Portanto, considera-se que, na prática profissional, a observação deve ser valorizada não apenas como técnica para coleta de dados, mas como meio de conectar teoria e prática, promovendo o bem-estar dos indivíduos e ajustando intervenções de forma mais eficaz.

Assim, a articulação teoria e prática e não a simples aplicação da teoria na prática, exige outras configurações na formação que apenas a pauta por competências não são capazes de sustentar.

Aprender a ser psicólogo(a) envolve não apenas estudar teorias, mas também compor a observação e sua aplicação em relação a si mesmo e os efeitos desse duplo em cenários do mundo real, tornando esta técnica uma ponte crítica entre o conhecimento acadêmico e a competência profissional pretendida ou exercida.

Nesse sentido, o método Bick se apresenta como um dispositivo interessante para formação de observadores em Psicologia. Para além

do verificável no outro, interpõe-se a necessidade do verificável em si mesmo, seja na posição participante ou não participante.

Então a observação lança psicólogos(as) ao aprimoramento da ordem do sensível e da ampliação conceitual e crítica para dar validade e representatividade ao observado, muitas vezes tendo que decolonizar seu ato de observar.

Para tanto, entende-se que a imanência ou plano de imanência é um constructo da filosofia da diferença, de Deleuze e Guattari (2010), do qual parte da capacidade de observar e de esquadrihar o observado são determinados por linhas disciplinares a criarem um ordenamento prévio do corpo que observa.

Ou seja, a definição e as especificidades que compõem esta ação enquanto técnica de pesquisa ou trabalho na Psicologia sustentam a leitura a respeito do observado - embora parecesse ter-lhe sido subtraído/inexistente quando condicionado. Esse algo - substrato - pode ser visível em um regime de verdade enviesado por determinada "política do sentir" sobre as relações entre pessoas e pessoas e coisas.

Nesse momento, a imanência pode perder potência inventiva e ficar obscurecida pelas próprias linhas que sujeitam o outro infinito e suas circunstâncias em relação a nós mesmos, estudantes ou profissionais da Psicologia.

É a dimensão da "ética do sentir o outro" que se desvanece enquanto problemática do próprio corpo que observa, que se pretende resgatar como crítica sobre o processo de aprender a observar por estudantes de Psicologia.

Afinal, tê-la como "primeira Psicologia" seria construir certa ida - e - volta à imanência de quem observa, o que poderia desafixar o próprio fluxo dos pensamentos para compreender e nomear o percebido e os fios que o tecem mediado pelo jogo saber-poder na produção discursiva

entre pessoas observadas e seus observadores, inclusive em termos de teorias do conhecimento.

REFERÊNCIAS

ALVES, Paola Biasoli Koller, Sílvia Helena Silva, Aline S. Reppold, Caroline T. Santos, Clarisse L. Bichinho, Gabriela S. Prade, Luciano T. Silva, Milena R. Tudge, Jonathan A construção de uma metodologia observacional para o estudo de crianças em situação de rua: criando um manual de codificação de atividades cotidianas. **Estudos de Psicologia** (Natal), volume 4, nº 2, dez, p. 289 – 310, 1999.

BRAUN, V.; Clarke, V. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative Research in Psychology**, v. 3, n. 2. p. 77-101. 2006.

CAMPOS, L. F. de L. **Métodos e técnicas de pesquisa em psicologia**. 4. ed. Campinas: Alínea, 2008.

CANTELE, Juliana Arpini, Dorian Monica. Resignificando a Prática Psicológica: o Olhar da Equipe Multiprofissional dos Centros de Atenção Psicossocial. **Psicologia: Ciência e Profissão**, vol. 37, nº 1, jan, p. 78 – 89, 2017. <https://doi.org/10.1590/1982-3703001542014>

CERVO, A. L.; Bervian, P. A.; Silva, R. da. **Metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

Conselho Federal de Psicologia. **Avaliação psicológica**: diretrizes na regulamentação da profissão. Brasília: 2010. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/publicacao/avaliacao-psicologica-diretrizes-na-regulamentacao-da-profissao/>. Acesso em: 21 set de 2025.

DANNA, Marilda Fernandes. **Ensinando observação**: uma introdução. 4 ed. São Paulo, SP: Edicon, 1999.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Coleção Trans. São Paulo: Editora 34, 3a. edição, 2010.

FAM, Bárbara Moraes; FERREIRA NETO, João Leite. Análise das Práticas de uma Clínica-Escola de Psicologia: Potências e Desafios Contemporâneos. **Psicologia: Ciência e Profissão**, vol.39, e178561, 2019 <https://doi.org/10.1590/1982-3703003178561>

FERREIRA, V.R.T.; MOUSQUER, D.N. Observação em psicologia clínica. Rio de Janeiro: **Revista de Psicologia da UnC**, v. 2, no 1, p. 54-61, 2004. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/242169894_Observacao_em_Psicologia_Clinica Acesso em: 21 set 2025

FRANÇA, Neyla Regina A. F. **Observação de bebês: métodos e aplicações**. São Paulo: Editora Blucher, 2019.

GOLIN, Gabriela Benetti, Sílvia Pereira da Cruz Donelli, Tagma Marina Schneider Um estudo sobre o acolhimento precoce inspirado no método Bick **Psicologia em Estudo**, vol. 16, nº 4, dez, p. 561 – 569, 2011 <https://doi.org/10.1590/1982-3703003244244>

LADINO, Giulia Latgé Mangeli; FERNANDES, Raquel Cristina Boff; CUNHA, Ana Cristina Barros da; MONTEIRO, Luciana Ferreira. Intervenções Psicológicas Necessárias: A Prática Como Residente no Serviço de Medicina Fetal Necessárias. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 43, e244244, p. 1-15, 2023. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003244244> disponível em <https://www.scielo.br/j/pcp/i/2023.v43/> Acesso em 21 Sete 2025

LOZADA, G.; NUNES, Karina S. **Metodologia Científica**. Editora Grupo A, 2019

MARCONI, Marina de Andrade. **Técnicas de pesquisas: planejamento e execução de pesquisa, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação**. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2021.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

PARRA FILHO, D.; Santos, J. A. **Metodologia Científica**. 2. ed. São Paulo: Futura, 2000.

RAYMUNDO, Luana dos Santos Kuhnen, Ariane Soares, Lia Brioschi Mapeamento comportamental: observação de crianças no parque da pré-escola. **Paidéia** (Ribeirão Preto), vol. 21, nº 50, dez, p. 431 – 435, 2011

ROMANELLI, G.; BIASOLI-ALVES, Z. M. M. (org.). **Diálogos Metodológicos sobre Prática de Pesquisa**. Ribeirão Preto: Editora Legislação Summa, 1998.

ROSA, Liane Serra da; MACKEDANZ, Luiz Fernando. A análise temática como metodologia de pesquisa qualitativa em educação em ciências. **Ato de Pesquisa em Educação**, [S. l.], v. 16, p. e8574, 2021. DOI:

10.7867/1809-0354202116e8574. Disponível em:
<https://ojsrevista.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/view/8574>
. Acesso em: 20 nov. 2024.

SANTOS, José Guilherme Wady Franco, Ruth Nara Albuquerque Miguel, Caio Flávio Seleção de pessoal: considerações preliminares sobre a perspectiva behaviorista radical **Psicologia: Reflexão e Crítica**, vol. 16, nº 2, p. 235 – 243, 2003

SANTOS, M. **A observação científica**. Centro de Psicologia Social, Portugal, p. 01-20, 1994.

SCHNEIDER, Karoline Lemos; LEVANDOWSKI, Daniela Centenaro. Perfil de Psicoterapeutas Pais-Bebê de Porto Alegre: Formação e Atuação Profissional **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 42, e238803, p. 1-17, 2022. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003238803> disponível em <https://www.scielo.br/j/pcp/a/ML496tBmPsBsnWnS8NTBVDD/?lang=pt> Acesso em 21 Set 2025.

SCORSOLINI-COMIN, Fabio; NEDEL, Angelita Zamberlan; SANTOS, Manoel Antônio dos. De perto, de longe, de fora e de dentro: a formação do observador a partir de uma experiência com o método Bick **Psicologia Clínica**, Volume 23 Nº 2 Páginas 151 – 170, 2011.

TISSOT, Juliana Tasca; VERGARA, Lizandra Gracia Lupi; BINS ELY, Vera Helena Moro. Definição de atributos ambientais essenciais para a humanização em quartos de internação. **Ambiente Construído**, [S. l.], v. 20, n. 3, p. 541–551, 2020. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/ambienteconstruido/article/view/98157> Acesso em: 23 set. 2025.

VIEIRA FILHO, Nilson Gomes; TEIXEIRA, Valéria Maria da Silva. Observação clínica: estudo da implicação psicoafetiva. **Psicologia em Estudo**, vol. 8, nº 1, jun, p. 23 – 29, 2003.